

**A EDUCAÇÃO COLOCADA NO IMPASSE DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E OS
EFEITOS DA PÓS-MODERNIDADE SOBRE A CONDIÇÃO COGNITIVA**

**LA EDUCACIÓN UBICADA EN EL PUNTO MUERTO DE LA REESTRUCTURACIÓN
PRODUCTIVA Y LOS EFECTOS DE LA POSTMODERNIDAD EN LA CONDICIÓN
COGNITIVA**

**EDUCATION PLACED IN THE IMPASSE OF PRODUCTIVE RESTRUCTURING AND
THE EFFECTS OF POST-MODERNITY ON THE COGNITIVE CONDITION**

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v14i3.50722>

Atanásio Mykonios¹

Resumo: Este escrito apresenta uma análise dos elementos que constituem a pós-modernidade, a partir do processo de produção de mercadorias, cuja base é a lei do valor. A ciência, como forma material do capital, substitui o capital variável pelo capital fixo. Considera-se que a base histórica que dá início e engendra a condição pós-moderna é a reestruturação produtiva a partir da década de 1970, que determina as bases da sociedade da informação e a educação é afetada. Há uma profunda alteração nos processos cognitivos. A última etapa desse processo culmina com o desenvolvimento dos novos meios de comunicação, pela rede mundial de computadores e pela cultura virtual, em âmbito mundial.

Palavras-chave: Educação. Ciência. Valor. Cognição. Pós-modernidade.

Resumen: Este escrito presenta un análisis de los elementos que constituyen la posmodernidad, a partir del proceso de producción mercantil, cuyo fundamento es la ley del valor. La ciencia, como forma material del capital, reemplaza el capital variable por capital fijo. Se considera que la base histórica que inicia y engendra la condición posmoderna es la reestructuración productiva a partir de la década de 1970, la cual determina las bases de la sociedad de la información y la educación se ve afectada. Hay un cambio profundo en los procesos cognitivos. La última etapa de este proceso culmina con el desarrollo de nuevos medios de comunicación, a través de la world wide web y la cultura virtual, en todo el mundo.

Palabras clave: Educación. Ciencia. Valor. Cognición. Posmodernidad.

Abstract: This writing presents an analysis of the elements that constitute post-modernity, from the commodity production process, whose basis is the law of value. Science, as the material form of capital, replaces variable capital with fixed capital. It is considered that the historical basis that initiates and engenders the postmodern condition is the productive restructuring from the 1970s, which determines the bases of the information society and education is affected. There is a profound change in cognitive processes. The last stage of this process culminates with the development of new means of communication, through the world wide web and virtual culture, worldwide.

Keywords: Education. Science. Value. Cognition. Postmodernity.

Introdução

Quais seriam os aspectos gerais da Pós-modernidade? Por onde começaríamos a conceituá-la? Em determinados períodos históricos ou sob determinadas quadras históricas, foi possível elaborar conceitos que, de alguma forma, deram conta de explicar o movimento daqueles períodos e caracterizá-los como um painel plausível de abranger a realidade. Quando tratamos da pós-modernidade, encontramos dificuldades, pois não parece haver um conceito que a constitua ou possa explicá-la. O que sabemos é que foram elaborados diversos conceitos que, ao invés de colocar a pós-modernidade em uma conceituação geral, revelou-se um leque de conceitos que podemos até considerá-los como subconceitos no interior desse espectro denominado pós-modernidade.

Existem aqueles que enumeram as características da Pós-modernidade. Para alguns, são tratadas negativamente, enquanto para outros, são elementos positivos, necessários, que justificam esse período. E para um terceiro grupo, podemos dizer que apenas descrevem o cenário da Pós-modernidade, com uma pretensa neutralidade. Vê-se, portanto, que não se trata de uma matéria que pode ser apenas pensada sob um ou outro aspecto, a própria condição pós-moderna implica uma postura dialética, um movimento de ir e vir constante, e um cuidado para não resvalarmos em imposturas morais ou em juízos de valor, que apenas colocam a pós-modernidade em uma redoma linguística.

Sob o olhar dos diversos marxismos, sem dúvida alguma, o problema da Pós-modernidade, obrigatoriamente, deve ser tratado negativamente. Mesmo assim, precisamos tomar muito cuidado, pois mesmo o caráter marxista de análise, pode nos levar a confusões de interpretação, além de nos colocar, possivelmente, em uma camisa de força, até porque, a depender das interpretações e conclusões, obrigatoriamente, a conceituar e caracterizar a condição pós-moderna. Os próprios marxistas podem ser vítimas de tais conceituações. Em outras palavras, podemos reproduzir determinados aspectos da pós-modernidade, mesmo criticando-a.

É possível encarar a Pós-modernidade num âmbito simbólico, que carrega consigo um leque linguístico que inclusive caracteriza, de certa forma, o discurso corrente de muitas vertentes de esquerda. Os termos utilizados, os substantivos, os adjetivos, podem de fato revelar o que se pensa em determinado período histórico. O comportamento das pessoas pode indicar não apenas tendências de moda, pode revelar o que se pensa do ponto de vista estético. A arte de um determinado período revela o seu próprio período e como Karl Marx já havia afirmado em *A ideologia alemã*, as ideias dominantes de um determinado período são as ideias da classe dominante. Mas como são construídos os discursos e a sua simbologia? De onde surgem os substantivos, os adjetivos, os verbos e as entonações de um determinado período? E quanto aos comportamentos e as interpretações do mundo, estes surgem apenas do pensamento evoluído das pessoas, são construções simbólicas que flutuam, como se estivéssemos no mundo perfeito de Platão?

De outro lado, corremos o risco de analisar a Pós-modernidade em seus efeitos linguísticos e simbólicos e não tratarmos dos nexos causais que propiciaram, no atual contexto social, determinadas

características que fatalmente também influenciam os processos educacionais e pedagógicos. Por acaso a educação, como prática social, é pós-moderna? As políticas educacionais da atualidade poderiam nos revelar que nelas encontramos, ao menos, vestígios de uma sociedade pós-moderna?

Haveria alguma semelhança entre a Pós-modernidade e aquilo que nós hoje conhecemos, do ponto de vista político do capital, em seu movimento real, como Neoliberalismo? Em grande medida, o Neoliberalismo e a Pós-modernidade convergem na história recente da sociedade capitalista. A presença de discursos comuns, a confluência ideológica no trato com a realidade e, sobretudo, a condição da classe trabalhadora no mundo todo, são três elementos convergentes que atuam como ferramentas ideológicas que de certa forma aproximam a Pós-modernidade do Neoliberalismo e vice-versa.

A ciência como forma material do capital e o movimento da reestruturação produtiva

Para chegarmos a uma análise crítica acerca da educação na Pós-modernidade, minha proposta é começar com o elemento central do qual se valem as condições gerais de produção do capital, no seu sentido material, propriamente. Significa observar, tanto do ponto de vista tendencial quanto histórico, um movimento das forças produtivas impulsionadas pela forma material instituída pelo capital, que passou a ser a ciência. Pois é a partir dos elementos constitutivos da subsunção da ciência aos mecanismos da produção capitalista que poderemos, analiticamente, desembocar na Pós-modernidade e, no seu interior, descobriremos os aspectos centrais da educação atual.

Marx nos apresenta uma análise lógica do movimento das forças produtivas, especialmente nos rascunhos escritos entre 1857 e 1858, intitulados *Grundrisse*, em que mostra que a tendência do processo produtivo objetivo material seria o de substituir o trabalho vivo pelo trabalho morto e, por conseguinte, o capital variável pelo capital fixo, uma vez que a ciência seria apropriada socialmente e que representaria não mais o esforço individual dos trabalhadores, mas o desenvolvimento cognitivo social. Marx designava o período histórico em que se encontrava, no que concerne ao processo industrial, como a grande indústria e fatalmente o capital progrediria inexoravelmente para uma nova etapa de seus processos produtivos em que seria caracterizada como a pós-grande indústria.

O trabalho não aparece mais como confinado ao processo de produção, mas o homem se comporta como supervisor e regulador em relação ao próprio processo de produção. (O que foi dito sobre a maquinaria vale também para a combinação das atividades humanas e o desenvolvimento do comércio humano.) O trabalhador não introduz mais o objeto natural modificado, como um elo intermediário, entre a coisa e ele, mas insere o processo natural, que ele transforma em industrial, como meio entre ele e a natureza inorgânica, que ele domina. (MARX, 1972, p. 161)

A mediação que se apresenta no processo de produção a que Marx se refere acima, é a mediação do conhecimento humano consubstanciado na forma da ciência. A ciência passa a ser a forma material do capital, que conduz os processos de produção, isto é, as forças de produção que não param de se desenvolver, em função não apenas das condições gerais de produção, mas pelo fato de

que a produção capitalista segue dois princípios fundamentais. O primeiro é a geração de valor e em seguida, do mais valor, que implica o valor de troca, sem o qual o capital não se realiza e que ocorre no ciclo da produção, inicialmente. O segundo é o ambiente concorrencial, que está presente nas relações entre os produtores - o mercado das mercadorias -, e sobre a força de trabalho.

A concorrência obriga os produtores individuais a introduzirem, nos processos produtivos, mais ciência, mais eficiência produtiva, por meio da materialidade do processo produtivo, expresso na forma das máquinas, da inteligência administrativa, dos fluxos produtivos, da necessária burocracia para controlar todas as etapas do ciclo da produção e dessa forma, a ciência é o conjunto desses elementos.

O capital não pode prescindir, a partir desse ponto, do movimento real da produção, da ciência. Esta, por sua vez, não estará restrita ao ambiente produtivo ou às esferas das estruturas produtivas, gradativamente o meio-ambiente capitalista introduz a ciência, instituindo-a e compartimentando-a na forma de conhecimentos específicos, em processos sociais educativos, para preparar e formar os trabalhadores para os novos processos e procedimentos nas relações de produção.

Ele aparece ao lado do processo de produção, em vez de ser seu principal agente. Nessa transformação, o que aparece como pilar fundamental da produção e da riqueza não é o trabalho imediato realizado pelo homem nem o tempo que ele trabalha, mas a apropriação de sua própria força produtiva geral, sua compreensão da natureza e o controle dela graças à sua existência como corpo social; em uma palavra, o desenvolvimento do indivíduo social. O roubo do tempo de trabalho alheio, sobre o qual se baseia a riqueza de hoje, parece uma base miserável em comparação com essa base recém-desenvolvida criada pela própria grande indústria. (MARX, 1972, p. 161)

A ciência é representada por Marx como “o desenvolvimento do indivíduo social”. Não apenas o conhecimento para exercer suas atividades laborais, também não somente a perspectiva de uma educação bancária, cumulativa e de propriedade privada, mas a apreensão das forças da natureza, bem como dos procedimentos de trabalho objetivo. Isto colou o trabalhador não mais no centro do trabalho vivo e objetivo, aquele se considerava como responsável diretamente pela transformação dos recursos da natureza em mercadorias. Com isto, o trabalhador é transformado em uma espécie de pajem da transformação da matéria em mercadoria, também uma espécie de enfermeiro, que fica de plantão ao lado das máquinas. A partir do momento histórico em que a ciência passa a ser utilizada pelo capital como sua própria forma material, a geração de valor inicia seu processo de decadência inevitável.

Uma vez que a produção de capital só é possível tendo em conta a lógica da exploração do tempo excedente da força de trabalho, o tempo, recurso abstrato do mais-valor, dilui-se no tempo social e a partir de então se observa a contradição interna do capital em que não há mais possibilidade de garantir a substância do valor. Estabelece-se um poder alheio do tempo como medida e a riqueza efetiva não é mais o valor, pois entra em cena a negação da própria condição do capital, isto é, o valor

é negado e isto, historicamente, não é reconhecido, em senso-comum, como um elemento crucial para a crise estrutural que leva o capital ao seu colapso.

E, por fim, Marx afirma que aquele tempo exercido pela força de trabalho excedente das massas deixa de ser a medida da riqueza social, pois o capital não pode ser entendido apenas e tão-somente como capital individual, capital amealhado pelos produtores individuais ou os capitalistas individuais, proprietários dos seus meios de produção.

Assim que o trabalho em sua forma imediata deixa de ser a grande fonte de riqueza, o tempo de trabalho deixa e deve deixar de ser sua medida e, portanto, o valor de troca [deixa de ser a medida] do valor de uso. O trabalho excedente das massas deixou de ser condição para o desenvolvimento da riqueza social, assim como o não-trabalho de alguns deixou de ser condição para o desenvolvimento das faculdades gerais do intelecto humano. Com isso, a produção baseada no valor de troca entra em colapso, e o processo de produção material imediato é despojado da individualidades e, portanto, não a redução do tempo de trabalho necessário para reduzir o trabalho excedente, mas em geral a redução ao mínimo do trabalho necessário da sociedade, ao qual corresponde então a formação artística, científica etc., de indivíduos graças ao tempo que se tornou livre e aos meios de comunicação criados para todos. (MARX, 1972, p. 161)

O que Marx chama de “desenvolvimento das faculdades gerais do intelecto humano”, que não passa de um processo social de construção de conhecimentos constitutivos da ciência, afasta-se, lentamente, do poder político dos trabalhadores - poder de controlar todos os meandros da ciência e sua aplicação objetiva. Mesmo assim, a ciência passou a ser um alvo a ser alcançado e dominado pela sociedade em geral e em particular pelos trabalhadores, porque o capital necessitou da colaboração dos trabalhadores na apropriação da ciência para a aplicação dos conhecimentos em termos técnicos. Com isto, a educação se tornou um valor social e histórico, necessário, inclusive, para o desenvolvimento das aptidões dos trabalhadores a fim de exercerem as atividades produtivas como coadjuvantes de toda a estrutura material da produção. A educação foi um instrumento político dos trabalhadores, que ao longo da história do capital, especialmente no século XX, exigiram do Estado as condições estruturais para a sua formação funcional e, por conseguinte, para a sua aptidão formal.

A chegada da sociedade da informação

As forças de produção no movimento histórico do capital, não cessaram o seu desenvolvimento em crescente progressão. Houve saltos na qualidade dessas forças, cujo primeiro foi a máquina a vapor, baseada no recurso da utilização do carvão. O segundo salto foi dado pela eletricidade e pelas fontes de energia descobertas no início do século XX, como o petróleo, o que denominados de a segunda revolução industrial. A indústria capitalista, no seu segundo ciclo tecnológico, durou aproximadamente até meados da década de 1970, quando o capital experimenta a terceira revolução industrial.

A terceira revolução industrial traz uma série de mudanças na organização dos processos produtivos, de modo que ocorre uma profunda alteração no interior da produção de mercadorias. Durante a segunda revolução industrial, a ciência foi desmembrada e aplicada nas várias etapas da produção, em uma sequência linear cumulativa, em que cada saber era somado no que foi conhecido como linha de produção fordista. A era fordista caracterizou-se pela sequência linear e desta forma o conhecimento foi estruturado também em conteúdo linear, acumulado saberes. Consequentemente, a escola também foi organizada de modo que os conhecimentos da ciência foram compartimentados e toda a estrutura pedagógica obedeceu ao modelo linear. A escola foi construída como uma fábrica do conhecimento. As condições cognitivas sociais estavam dadas pela linearidade, pela construção do conhecimento e aprendizado, pelo acúmulo histórico linear dos saberes, formando assim um edifício cognitivo em que era possível identificar o começo, o meio e o fim do aprendizado, também propiciava a perspectiva do caminho a ser seguido para a obtenção de mais conhecimentos, o acúmulo capitalista seria também o acúmulo de saberes.

Trata-se de um processo cognitivo em que o intelecto é priorizado para balizar toda a atividade técnica e toda a demanda técnica necessária para a produção. Como não podia deixar de ser, esse modelo de cognição estrutural abarcou gradativamente todas as esferas da sociedade e se alastrou de modo que se tornou uma imensa fábrica social a serviço do modo de produção capitalista, adequado à linha de montagem da grande indústria. Não apenas a escola, também as famílias, os tempos sociais, as esferas estatais e suas instituições, a vida civil e a cultura, o lazer e a arte, convergiram para uma sociedade industrial totalitária, cujo princípio estava baseado na produtividade técnica, na especialidade, no acúmulo do conhecimento científico, leia-se, teórico e prático, moldando uma sociedade brutalmente organizada que obedecia aos ditames do capital totalitário.

O governo de sociedades industriais desenvolvidas mobiliza, organiza e explora com êxito a produtividade técnica, científica e mecânica à disposição da civilização industrial. E esta produtividade mobiliza a sociedade em seu todo, acima e além de quaisquer interesses individuais ou grupais. O fato brutal de o poder físico (somente físico?) da máquina superar o do indivíduo e o de quaisquer grupos particulares de indivíduos torna a máquina o mais eficiente instrumento político de qualquer sociedade cuja organização básica seja a do processo mecânico. (MARCUSE, 1967, p. 25)

Na era da grande indústria, o capital havia encontrado a sua adequação perfeita, na exploração do tempo excedente da força de trabalho em que o valor efetivamente expressou o capital em sua plenitude. O conhecimento foi colocado para as massas trabalhadoras como uma imposição social histórica, do ponto de vista político, não restava outra alternativa aos trabalhadores que não a de se submeterem à obrigatoriedade do aprendizado para serem admitidos na lista dos aptos a exercerem atividades produtivas em todas as áreas da economia capitalista. Por outro lado, a sociabilidade linear penetrou as instâncias da vida privada tanto quanto da vida pública e até mesmo a política e os gestores foram obrigados a acumularem experiências e conhecimentos num crescendo infinito e linear. Não

havia limites para o conhecimento, muito menos na linearidade estrutural da sociedade produtora de mercadorias.

Vários fatores convergiram para que na década de 1970 fosse traduzida em uma reestruturação produtiva. O capital dava sinais evidentes de uma crise, após os chamados 30 anos gloriosos, após o fim da Segunda Grande Guerra, nos quais as sociedades capitalistas mais desenvolvidas do hemisfério norte haviam experimentado o bem-estar social que se transformou em referência na luta política da periferia do sistema. A crise creditícia somou-se à crise imposta pelas massas trabalhadoras que após os 30 anos exigiam novos patamares na organização política no interior da luta de classes. Era preciso também expandir os mercados, ampliar a circulação de mercadorias e encontrar novas regiões propícias à industrialização. Era preciso garantir que o capital atravessasse as fronteiras, por cima delas, numa nova configuração do crédito e do endividamento em que seria necessário reestruturar o papel dos estados nacionais, não mais na ordem keynesiana de desenvolvimento econômico e sim numa reordenação estrutural - jurídica, política e financeira, a fim de colocar o capital, possivelmente, livre das pressões das massas trabalhadoras, especialmente nos países centrais do sistema do capital.

A terceira revolução industrial se baseia na introdução da microeletrônica como ferramenta informacional estruturante, que introduzirá a reestruturação de todos os processos produtivos, subvertendo a linearidade sequencial, substituindo-a pela circularidade do processo material de produção. Em outras palavras, trata-se de aplicar a ciência com suas especificidades não mais em uma linha reta, a linha de montagem que promovia o etapismo da formação da mercadoria. O que passa a ocorrer é que todos os conhecimentos científicos circundam aquilo que vem a ser transformado em mercadoria, estes são aplicados concomitantemente, criando a circularidade na objetificação da produção das mercadorias. Se pudermos apresentar a ideia na forma de uma figura de linguagem seria como a mercadoria estar situada no centro, à sua volta, na forma de um círculo, todos os conhecimentos transformados materialmente em máquinas e procedimentos, atuam ao mesmo tempo para a sua formação.

Esse processo terá profundas e largas consequências na sociedade que havia sido organizada no interior da segunda revolução industrial e ainda hoje os impactos são tão profundos que a sociedade mundial parece não ter compreendido o que passou a ocorrer a partir de meados da década de 1970. As consequências também se alastram por todas as instâncias e esferas da sociedade, os tempos sociais são profundamente alterados, há uma profunda mudança nas estruturas produtivas e uma fragmentação na organização dos trabalhadores, suas instituições organizadas são desmontadas. A grande indústria, que empregava as massas de trabalhadores, especialmente nos grandes centros capitalistas, a partir de então eliminará milhões de postos de trabalho, obrigando-os a se adaptarem e se adequarem às novas demandas dos setores de serviços da economia mundial. Mas os efeitos não param por aí, avançam sobre as famílias, a educação, a indústria cultural, a organização estatal, avançam sobre as cidades, sobre os negócios e surge a sociedade da informação.

A sociedade da informação não é exatamente um aparato social de circulação das informações, em que a velocidade com que circulam e o volume das informações caracterizaria de alguma maneira uma sociedade cuja sociabilidade estaria fincada na troca das informações e notícias. Tampouco é apenas uma sociedade noticiosa, em que os cidadãos estariam envolvidos numa aldeia global, cercados por entretenimento, espetáculos e manipulações da consciência. É bem verdade que esses elementos compõem a sociedade da informação, mas são a sua expressão, diria, são elementos sintomáticos que de fato podemos considerar a sociedade da informação.

Ao elaborar novos procedimentos no processo produtivo material objetificado, o primeiro fluxo de informações ocorre no interior da produção. Com a nova forma interna no processo produtivo, o capital encontrou as condições estruturais e materiais para se transformar e mecanismo global, ampliando assim a sua capacidade de penetração em novos mercados, em novos territórios, em novas culturas, de modo a ser processado em caráter instantâneo, passando por cima das fronteiras. As mercadorias passaram a ser produzidas em escala global. Mundialmente, o capital encontrou a oportunidade para se libertar e circular instantaneamente sem considerar os estados nacionais e suas fronteiras. Isto só foi possível graças à introdução da microeletrônica, que possibilitou novas formas de comunicação, reestruturando todos os procedimentos produtivos. Marx já havia previsto isso ao afirmar o seguinte.

Se por um lado, com o progresso da produção capitalista, o desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação abrevia o tempo de curso para uma quantidade dada de mercadorias, esse mesmo progresso e a possibilidade dada com o referido desenvolvimento provocam, inversamente, a necessidade de trabalhar para mercados cada vez mais distantes – numa palavra, para o mercado mundial. (MARX, 2014, p. 346)

Vemos também o fato de que a produção capitalista exige o desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação, como afirmou Marx no texto em destaque acima. O processo produtivo precisa ser totalmente controlado e informado em todas as suas etapas. Significa dizer que cada etapa comunica à próxima o que realizou para a composição orgânica da mercadoria. Constitui-se, portanto, um aparato informacional que promoverá a aceleração quanto aos processos produtivos em níveis jamais observados na história da indústria capitalista. Foi possível a ampliação global das estruturas produtivas que serão condicionadas em rede e a tecnologia computacional terá papel fundamental para o desenvolvimento das forças produtivas que tenderão à superprodução.

O computador, por si só, transformaria muitas operações da sociedade industrial. Mas o que gerou a sociedade de informação, argumenta Bell, foi a convergência explosiva de computador e telecomunicações (casamento este que alguns abençoaram com o ingrato nome de “compunicações”). Essa união acabou com a antiga distinção entre processamento e disseminação de conhecimento (Bell, 1980-a, p. 513). (KUMAR, 2006, p. 49)

A sociedade da informação introduzirá mecanismos de controle altamente eficientes, no âmbito dos processos produtivos, para em seguida se alastrar para todas as atividades econômicas secundárias e terciárias, bem como atingirá os ditos consumidores e a partir de então tem-se uma

profunda alteração na sociabilidade das relações sociais, que serão marcadas, definitivamente, pela rede mundial de computadores e pela velocidade e diversidade das informações. Da tela dos cinemas à tela dos televisores, para chegarmos às telas dos computadores, inicialmente coletivos, introduzidos nas empresas, posteriormente, essas telas se transformaram em individuais, até prosseguirmos para as telas personalizadas dos nossos celulares ou smartphones. Dos computadores aos celulares, há algo incomum que são os sistemas operacionais que nos colocam em redes cada vez mais amplas, cujas fronteiras avançam sem cessar. Ou seja, a rede de computadores na atualidade alcança quase 70% da população mundial, isto é, usuários únicos de telefones celulares, conforme dados apresentados pela organização *We are social*.²

Do chão da indústria capitalista, totalmente remodelada, para a mão dos sujeitos sociais que passam a manipular as redes sociais em escala mundial, as sociedades, portanto, experimentam profunda transformação social em todas as suas bases. Novas formas, não apenas de comunicação, sobretudo novas formas de aprendizado, não são apenas experiências casuais, tornam-se efetivamente o novo modo de adquirir conhecimento, como se este fosse uma mercadoria qualquer, de modo que todas as condições cognitivas também se alteram estruturalmente e levamos muito tempo para começarmos a compreender os efeitos devastadores dessa profunda transformação, que, por um lado, não apresenta sinais de retrocesso, mas de outro, revela o retrocesso cognitivo intelectual também em escala mundial.

À medida que os massmedia electrónicos modernos e a produção da indústria cultural a eles associada entravam na vida eles eram também calibrados formal e tecnologicamente para a passividade do seu público. Adorno e Horkheimer veem aí decididamente uma marca estrutural essencial da indústria cultural: “A passagem do telefone ao rádio separou claramente os papéis. Liberal, o telefone permitia que os participantes ainda desempenhassem o papel do sujeito. Democrático, o rádio transforma-os a todos igualmente em ouvintes, para entregá-los autoritariamente aos programas, iguais uns aos outros, das diferentes estações. Não se desenvolveu nenhum dispositivo de réplica e as emissões privadas são mantidas na servidão. (KURZ, 2012, p. 20)

De acordo com Robert Kurz, uma das consequências sociais se reflete no fato de que a tecnologia propicia a passividade social dos usuários. As repercussões são vastas e profundas. Podemos enumerá-las, a saber. A passividade política; a indiferença social; os mecanismos de controle das informações; a individualização do ambiente informacional; a eliminação das possibilidades de problematização da realidade; a espetacularização do cotidiano; a regressão gradativa intelectual, que faz com que a teoria seja formalmente descartada; a sociedade da imagem, que substitui o processo dialético do pensamento pela palavra e, por fim, a domesticação das consciências.

Temos os elementos principais da condição pós-moderna. A reestruturação produtiva culmina na desarticulação social e política, dadas que as condições gerais de produção atingem novo patamar na história do capital, de modo que as estruturas de compreensão da realidade ou ficam suspensas ou entram em uma desorganização estrutural. As interpretações da mesma realidade ingressam no

labirinto histórico de um mundo marcado pela destruição de um modo de organização e sociabilidade da sociedade industrial e a chegada de uma nova estrutura produtiva que parece fazer com que a sociedade comece a flutuar, pois não tem mais nenhum poder sobre aquilo que produz.

A apologia pós-moderna do “espectáculo” (Debord) da indústria cultural julga poder intervir triunfantemente neste lugar para provar o carácter antiquado do pessimismo cultural da teoria crítica. Pois se a falta de um “dispositivo de réplica” era notória para os média pré-digitais e mesmo para o estágio inicial da Internet, entretanto – apressa-se a concluir o arrazoado pop pós-moderno – a velha estrutura autoritária de “emissor e receptor” estaria de facto superada. A palavra-chave é “interactividade”. A mutação sem fim da Internet teria conduzido à nova qualidade da Web 2.0 interactiva, é o que não cessa de ser dito tanto nos suplementos culturais como no mundo académico. Neste nível qualquer “utilizador” pode sempre e em toda a parte ligar-se e do modo mais personalizado possível intervir pela palavra (ou pela imagem). (KURZ, 2012, p. 10)

Da sociedade do espetáculo para a sociedade da imagem. Esta é mais uma das inúmeras características da sociedade pós-moderna, cuja expressão mais acabada é a exacerbação da subjetividade, que se revela na construção de novos discursos que se apresentam naquilo que se denominou de narrativas. Narrativas que contêm um ordenamento de cosmologia individualizada, singularizada e personalizada. As grandes narrativas redentoras caem por terra, como a ciência, o marxismo, as religiões, as grandes narrativas éticas, que assumem cada vez mais o papel da salvação dos consumidores capitalistas. Com isto, a sociedade ruma para uma distopia em que vale a interpretação individual do mundo das imagens, que concentram ou fundem conteúdo e forma.

Mas tudo isto está posto ainda no interior do sistema mundial do capital, as sociedades, com suas culturas e tradições, são capturadas e absorvidas, como que abduzidas e simplesmente mantêm a lógica na valorização do capital e do acúmulo infinito.

As categorias cognitivas do atual estágio do capital - A intersetorização da realidade

Uma das grandes perversões cognitivas da Pós-modernidade está no fato de que há um crescente estado de aburguesamento dos trabalhadores. Qual é a característica da condição burguesa? Não é apenas de estar na posição de capitalista, suas necessidades prementes e materiais estão absolutamente satisfeitas. Esta é a condição burguesa. O burguês pode se dar ao luxo de se preocupar com questões simbólicas, afetivas, existenciais, é aquele que se preocupa com as grandes questões metafísicas, uma vez que suas necessidades estão satisfeitas, ele, dessa forma, não precisa se preocupar com as contas ao fim do mês. Também porque cuida dos seus negócios, da política, do ordenamento jurídico, da manutenção das forças produtivas.

Ao passo que a condição proletária é exatamente oposta à do burguês, ao menos do ponto de vista concreto da reprodução da existência material. O proletário é aquele que vive constantemente a sua insegurança e incerteza material. Vive a incerteza do seu futuro como trabalhador, precisa estar sempre atento para não sofrer com a escassez, que é própria de sua condição. O proletário também

absorve as categorias metafísicas, simbólicas e afetivas do burguês. Ele ama tanto quanto o burguês, vive seus sonhos, constrói sua simbologia, cria expectativas e encontra subterfúgios para suportar a dor da realidade proletária, mas vive na incerteza da dívida.

No atual estágio do desenvolvimento do sistema do capital, marcado pela progressiva penetração dos novos meios de comunicação, constituídos na forma de redes de computadores e redes de sistemas informativos e formativos, os trabalhadores encontraram nas redes sociais, na Internet, um ambiente praticamente paralelo, que permite que possam se apresentar ao mundo como burgueses, apresentam-se como se não tivessem necessidades. Isto tem papel relevante na construção cognitiva e na compreensão do mundo, dado o fato de que vivemos uma espécie de binômio entre o dissimular e o simular, isto é, o simulacro.

Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência. Mas é mais complicado, pois simular não é fingir: “Aquele que finge uma doença pode simplesmente meter-se na cama e fazer crer que está doente. Aquele que simula uma doença determina em si próprio alguns dos respectivos sintomas” (Litré). Logo fingir, ou dissimular, deixam intacto o princípio da realidade: a diferença continua a ser clara, está apenas disfarçada, enquanto a simulação põe em causa a diferença do “verdadeiro” e do “falso”, do “real” e do “imaginário”. O simulador está ou não doente, se produz “verdadeiros sintomas”? Objetivamente não se pode tratá-lo nem como doente nem como não-doente. A psicologia e a medicina detêm-se aí perante uma verdade da doença que já não pode ser encontrada. Pois se qualquer sintoma pode ser “produzido” e já não pode ser aceite como um facto da natureza, então toda a doença pode ser considerada simulável simulada e a medicina perde o seu sentido, uma vez que só sabe tratar doenças “verdadeiras” pelas suas causas objetivas. (BAUDRILLARD, 1991, pp. 9-10)

Eu tenho e finjo não ter. Isto é a dissimulação, que está presente de modo metabólico, praticamente naturalizado, eu tenho e finjo não ter. E o que é a simulação? É fingir ter o que não se tem. Não tenho e finjo ter, isto cria uma imagem em que as pessoas se colocam com seus interesses, no campo do individualismo metodológico. São duas ações na atual condição e no atual contexto em que vivemos, presentes nas relações sociais em geral. E o simulacro é a conjugação de ambas as ações. O avatar explica a imagem de todos na Internet, nesse simulacro que se tora cultural.

Essa operação não ocorre simplesmente sem uma construção cognitiva que coloca todas as pessoas em um ambiente paradoxal, porque somos capazes de comunicar a simulação e transformá-la em verdade, mas para isto, é preciso que haja uma operação estrutural que abarque toda a sociedade, que seja capaz de promover não apenas a sociabilidade das relações virtuais nas redes da Internet, como ser capaz de criar o meio ambiente propício para comunicar a simulação e transformá-la em realidade. Ou ainda, a dissimulação que penetra as relações políticas. Isto nos faz lembrar o que Guy Debord nos apresenta no seu livro em que comenta e aprofunda e amplia os conceitos de *Sociedade do espetáculo*, 20 anos após a sua primeira edição, de 1967. Debord enumera cinco características da sociedade do espetáculo integrada, quando amplia a sua análise no ano de 1987.

A sociedade modernizada até ao estágio do espetáculo integrado caracteriza-se pelo efeito combinado de cinco traços principais, que são: a renovação tecnológica

incessante; a fusão econômico-estatal; o segredo generalizado; o falso sem réplica; um presente perpétuo. (DEBORD, 2003, p. 15)

O aspecto que mais chama atenção é a quarta característica em que Debord afirma ser “o falso sem réplica”. Podemos dizer então que vem complementar o que Baudrillard apresenta acerca da Pós-modernidade, no que diz respeito à composição dos simulacros. O falso sem réplica, afinal, é a consequência da simulação elevada à potência da sociabilidade contemporânea. Tem um caráter político, que se junta ao caráter passivo dos usuários em grande escala mundial da Internet. Esse modelo de relações implica uma mudança nas condições de aprendizado do mundo, cujas técnicas e teorias parecem não serem capazes de absorver a profunda transformação que nos leva a esse comportamento, que foi rapidamente tornado comum em muito pouco tempo na nossa história recente.

Fingimos não ter necessidades, fingimos não viver na profunda desolação em que os trabalhadores se encontram, lançados à própria sorte e sem saber se terão condições de manterem os seus ganhos para seu sustento. Fingimos a felicidade total no mundo da imagem, na sociedade da imagem, da imagem em movimento, da imagem que elimina a dialética entre conteúdo e forma. Fingimos não termos dificuldades e dívidas, apresentamo-nos como sorridentes, felizes, realizados, escondemos o nosso corpo, mostramos aquilo que os outros fingem querer ver em nós. A simulação está presente e transita para as relações sociais concretas, cotidianas, as mais banais.

O salto cognitivo que representa a Internet, imposto a toda a sociedade, deve nos levar a aprofundarmos a questão do modo capitalista de ensino e aprendizagem, que hoje está em um novo patamar, na perspectiva da circularidade dos processos produtivos. Mas é preciso considerar a necessidade de irmos além, pois, na atualidade, a atividade cerebral para o entendimento, a compreensão, a apreensão, a consequente explicação e por fim os mecanismos da interpretação da experiência do conhecimento. Essa atividade está profundamente abalada, as referências que foram colocadas ao longo das quadras históricas da evolução do capital, também parecem não ser capazes de nos orientar para que possamos compreender como se dá o conhecimento nesta atual quadratura histórica.

O volume de imagens que os usuários globais da Internet têm acesso é astronômico. A velocidade com que as imagens circulam e são compartilhadas, altera significativamente a forma como o cérebro absorve não apenas as informações, como também seu funcionamento se torna por um lado mais lento, pois obrigatório processar milhares diariamente e, por outro lado, há uma aceleração dos condicionantes estruturais do cérebro para absorver o mais rápido possível o bombardeio de imagens e informações. Some-se a isto o fato de que o pensamento só consegue se fixar em um ponto de cada vez, mantendo uma circularidade periférica de alcance das demais informações. O problema é que o cérebro está continuamente sob uma pressão muito grande, pois é obrigado a escolher e a decidir, em fração de segundos, o que deve observar e ver. Isto cria uma tensão contínua interna na relação com o mundo virtual, que não apenas condiciona, mas força os usuários a se submeterem a uma nova forma

de apreensão do mundo externo, em que a experiência da tela passa a ser mais importante do que a experiência concreta, feita entre corpos, que agora estão condicionados às telas dos celulares e computadores.

A nova atividade cerebral parece ser também o novo paradigma cognitivo, isto é, para compreendermos efetivamente o que ocorre no campo do conhecimento é preciso levar em conta o modo como o capitalismo produz as necessidades cognitivas na atualidade, para em seguida, podemos fazer uma análise, mesmo que inicial e superficial, da educação no âmbito da Pós-modernidade.

Cabe aqui ressaltar o fato de que historicamente a condição pós-moderna tem início, na história contemporânea do capital, a partir da reestruturação produtiva, que transformará de modo radical a forma como conhecemos o mundo e como processamos os aspectos relativos aos elementos de ensino e aprendizagem. A educação continua a ser um valor social histórico, especialmente para os trabalhadores, no mesmo sentido, construímos uma espécie de senso comum acerca da educação, em que todos nós passamos a acreditar nos valores positivos iluministas da educação. Não apenas seus valores, sobretudo constituímos a ideia universal do direito à educação, em outras palavras, a educação como um direito efetivo, mesmo que hoje não saibamos com clareza para onde a educação poderá nos levar, dado o fato de que estamos numa profunda crise no interior da escola. Crise dos programas pedagógicos, das políticas estatais e paraestatais sobre educação, das propostas de programas urdidos pelas grandes instituições transnacionais que analisam, pensam, escrevem e divulgam acerca dos novos paradigmas sobre a educação, como a Fundação Ford, o Banco Mundial, o FMI, a Fundação Itaú, a Fundação Ayrton Senna, apenas para ficarmos nas instituições mais conhecidas que passaram a se interessar de forma muito evidente sobre os destinos da educação mundial e nacional.

A sociedade totalitária e o instrumento da educação

A ciência se afastou da humanidade porque esta deixou de ter a capacidade política de dominá-la, tornou-se popular porque agora as máquinas falam por nós, as máquinas estão por todas as partes e nós estamos cercados por elas. A ciência está presente no cotidiano das pessoas, por todos os lados, a ciência fala conosco por meio das diversas tecnologias presentes, além disso, os algoritmos podem muito bem direcionar os nossos gostos. Todo o conhecimento científico pode ser muito bem sondado e pesquisado nas plataformas de busca ativa, parece que nada mais é segredo, o mundo parece estar revelado e a sociedade contemporânea, pós-moderna, também pode ser considerada uma sociedade transparente.

Se a ciência alcançou uma tal materialidade expressa na forma dos processos produtivos, se a ciência também foi transformada no elemento econômico fundante do capital, o que restaria conhecer? Haveria novas fronteiras para o conhecimento e estas estariam à disposição da humanidade em geral ou apenas estariam concentradas nas mãos de clubes cada vez mais restritos, as irmandades cada vez mais articuladas em torno do poder econômico? O conhecimento científico cada vez mais está

concentrado em minorias científicas que dominam todas as cadeias de pesquisas e de desenvolvimento dos processos produtivos, financiadas pelo sistema financeiro, pelas corporações e por alguns Estados que se encontram no centro da concorrência capitalista. O que resta ensinar, se de alguma forma a humanidade apenas está se tornando muito rapidamente em bilhões de pessoas que apertam botões e aprendem a manipular aplicativos como se fossem jogos infantis e que o aprendizado está a um clique?

Na sociedade produtora de mercadorias, urbanizada, que contém ao mesmo tempo a fragmentação e a necessidade de unificação e uniformização, a educação é um instrumento, ou poderíamos dizer, que ela não é apenas um instrumento, podemos até afirmar que a educação é constituída de vários instrumentos. Em outras palavras, ela se configura com vários objetivos. Como um instrumento ideológico muito necessário, funcional, que tem a prerrogativa social de larga escala, de manter as estruturas sociais, as relações de troca e reproduzi-las. Dificilmente podemos encontrar na atualidade políticas estatais no âmbito da educação que tenham um caráter revolucionário. Ao contrário. Tratar a educação no âmbito da Pós-modernidade é um desafio, uma tarefa inglória, que merece aprofundamentos que envolvem aspectos que dizem respeito aos processos cognitivos, o que significa perguntar. Estamos cientes do modo como conhecemos? A cada período histórico os mecanismos do conhecimento são alterados, não podemos igualar a forma como os medievais europeus apreendiam o mundo, assim como também não é possível traçar equivalências entre o modo de cognição do mundo por parte dos incas ou dos astecas com o que temos como cabedal para o conhecimento da atualidade, eivado de todo o aparato tecnológico e maquinário, algo impensável, por exemplo, há 500 anos, há 200 anos, até mesmo há 100 anos. Assim como também não é possível afirmar que existe uma essência da arte que percorreria todos os quadrantes históricos, isto é, a arte realizada pelos renascentistas, que não possuíam computadores, celulares, aviões, televisores, foguetes, não pode ser comparada com o que fazemos hoje em termos de arte. O presente carrega consigo uma complexidade maior do que o passado, os mecanismos, as estruturas sociais, o modo de produção da sociedade, todos esses elementos, no passado, sempre foram mais simples em sua complexidade. Vivemos uma complexidade não apenas comunicacional, não é simplesmente uma aldeia global que compartilha instantaneamente as informações, estamos em um emaranhado de significados que ultrapassam a simplicidade social.

Por mais que reconheçamos a diversidade, a fragmentação, a polissemia, os diversos discursos e identidades. Por mais que haja um fértil terreno para libertarmos as nossas subjetividades, o fato é que toda a confusão da sociedade pós-moderna mantém ainda um elemento comum entre todas as identidades, todas as diversidades, entre minorias e majorias, entre culturas, religiões e tradições, que é um mesmo modo de produção global, um mesmo modo de exploração, um mesmo modo de produção de riqueza abstrata que, comumente, denominamos capitalismo. Toda a complexidade e toda a variedade que a condição pós-moderna aparentemente nos propicia estão efetivamente condicionadas ao modo de produção capitalista. Todos ainda obedecem a um mesmo senhor - o senhor sem face da história contemporânea -, todos os avanços experimentados no interior da própria

sociedade do capital, promovidos pelas determinações históricas do desenvolvimento das forças produtivas, não libertaram as sociedades, muito pelo contrário, continuam a mantê-las sobre o jugo hegemônico e totalitário do modo de produção capitalista.

Baseando-se nisso, é de se crer que ainda, enquanto prevalecer a lógica estrutural do capital sobre a sociedade, a educação seguirá e permanecerá obediente quanto a essa lógica, reproduzindo os conhecimentos necessários, do ponto de vista da apreensão e domínio técnicos. Por outro lado, reproduzirá o sistema produtor de mercadorias do ponto de vista de sua ideologia. Diante disto, o que esperar dos educadores, que na sua imensa maioria estão de pés e mãos atados diante da avassaladora potência que as novas tecnologias da comunicação impõem sobre toda a estrutura educacional?

Temos de nos ater aos limites políticos dos agentes e das comunidades educacionais em face do poder dos novos meios de comunicação, que não apenas informam e comunicam, mas formam, de modo que o poder político daqueles que estão diretamente envolvidos no processo de ensino aprendizagem lhes é estranho, porque está distante de sua capacidade de intervir, como todo o processo produtivo, que está apartado da imensa maioria da população mundial. Antes de tudo, o problema é político e não se restringe apenas ao âmbito das lutas de classe, abrange todas as esferas sociais com suas instituições, requer, para além do entendimento do atual estágio em que nos encontramos, uma compreensão global que ultrapassa as fronteiras dos estados nacionais.

Adorno - Começo destacando que o conceito de formação possui um duplo significado em face da televisão, e espero não ser considerado pedante ao me deter na distinção desses dois significados.

Por um lado, é possível referir-se à televisão enquanto ela se coloca diretamente a serviço da formação cultural, ou seja, enquanto por seu intermédio se objetivam fins pedagógicos: na televisão educativa, nas escolas de formação televisivas e em atividades formativas semelhantes. Por outro lado, porém, existe uma espécie de função formativa ou deformativa operada pela televisão como tal em relação à consciência das pessoas, conforme somos levados a supor a partir da enorme quantidade de espectadores e da enorme quantidade de tempo gasto vendo e ouvindo televisão. Contudo, é importante ressaltar que as pesquisas ainda não encontraram uma resposta específica à pergunta tão popular nos Estados Unidos: "What television does to people? (Que efeitos a televisão provoca nas pessoas?)". Talvez possamos retornar ao tema posteriormente. (ADORNO, 2018)

Há alguns elementos importantes a serem discorridos a partir da observação de Adorno. Uma característica comum entre a era iniciada pela televisão e o atual estágio dos meios de comunicação, é a tela e, por conseguinte, o elemento fundamental e substancial, a visão. Na sequência histórica do desenvolvimento da tela como forma de comunicação e formação, podemos ampliar o pensamento de Theodor Adorno sobre a formação que a televisão propiciava, com a formação que hoje está presente na Internet, cuja tela é o meio com o qual os usuários individualizados estabelecem a comunicação com um mundo virtual. As novas tecnologias da comunicação possuem, em seu bojo, o caráter formativo. É interessante notar que para muitos a formação pertence a determinados nichos sociais, especialmente, construiu-se a noção de que, em primeiro lugar, a família seria o eixo central da formação dos sujeitos sociais, por extensão e posteriormente, a escola e por fim, para muitos, também

os espaços das religiões organizadas, que parece exercerem a função da formação moral em paralelo com as famílias. Essas esferas perderam sua posição prioritária no universo formativo dos sujeitos sociais.

A visão, a saber, os olhos, torna-se a bússola que guia as relações de troca e determina as novas formas dos valores de troca, condiciona os adquirentes das mercadorias e propicia as condições para a geração do mais valor social. Na condição proletária dos trabalhadores, insere-se um sentimento de aburguesamento em que, gradativamente, uma economia doméstica assume o caráter da exploração social e, por outro lado, cresce a economia do crime ou o que podemos chamar de economia paralela capitalista, uma vez que a tendência estrutural da sociedade produtora de mercadorias apresenta a informalidade como uma realidade das relações de exploração sobre trabalhadores, os quais não encontram mais proteção social nem estatal em lugar algum. A economia oficial está cada vez mais restrita. A forma de convencer as massas trabalhadoras fragmentadas é introduzir a ideia do empreendedorismo, do enriquecimento individual capitalista em meio a um amontoado de escombros.

Mas é preciso considerar que na sociedade da informação e bem antes do atual estágio pós-moderno em que nos encontramos, já com a chegada do rádio, em seguida com a introdução do cinema, que se comunica pela grande tela, a formação dos indivíduos não se restringia mais exclusivamente às esferas supracitadas. O cinema, o rádio, a televisão, o computador pessoal, os computadores em rede, os novos aparelhos pessoais, absolutamente singularizados, estes elementos todos engendraram e engendram uma sociabilidade que foge ao controle das famílias, das escolas e das religiões. O metabolismo social informacional está espalhado pelo mundo de tal maneira que a realidade tecnológica impõe novas formas de sociabilidade cognitiva e relações sociais que fogem ao controle de qualquer instituição. A formação dos indivíduos e a formação social estão fora do alcance do poder político da imensa massa de trabalhadores pelo mundo afora.

Tomemos como exemplo os dados oferecidos por um especialista na área de pesquisa no campo do YouTube, Mathias Funk, que nos apresenta várias informações acerca da dimensão dessa plataforma de comunicação global, que serve para refletirmos sobre a relação entre esse meio de comunicação e a formação em geral que é capaz de promover mundo afora.

A partir de 2022, existem mais de 51 milhões de canais do YouTube por aí. O número de canais está crescendo forte: no ano passado, cresceu 36%. Pessoas de todo o mundo estão criando um canal no YouTube e enviando 500 horas de vídeo a cada minuto. (FUNK, 2022)³

Nenhuma educação formal, sistematizada, institucionalizada e organizada socialmente, pode alcançar os níveis formativos que o mundo virtual é capaz de atingir. Com aproximadamente 51 milhões de canais no YouTube, não há concorrência possível no âmbito da formação social, que seja capaz de atingir todas as gerações e todas as idades, de modo que o tempo médio de acesso à Internet, no mundo, chega aproximadamente a 6 horas e 58 minutos, enquanto no Brasil a média diária é de 9 horas e 56 minutos⁴. Torna-se impraticável uma educação a passos de tartaruga que sequer enfrenta a globalização tecnológica, seja do ponto de vista crítico, seja do ponto de vista negativo, seja também do

ponto de vista anticapitalista e por fim, do ponto de vista dialético. A oposição negativa deu lugar a uma oposição positiva. A escola, até mesmo do ponto de vista da produção de conhecimento, não é capaz de competir com tamanha voracidade estrutural que impõe um metabolismo social que nós ainda não temos clareza de seus efeitos no âmbito cognitivo e de aprendizado.

Últimas Considerações

Há muita esperança na educação. Ela está presente em todas as sociedades, faz parte das políticas estatais e se tornou um dos eixos estruturantes da modernização capitalista. Nenhuma sociedade pode pensar o seu suposto futuro sem a educação. Os trabalhadores assumiram a educação como um valor social, para a sua inclusão no mundo das relações de produção, adquiriram a consciência de que sem a educação não são capazes de estarem inseridos no metabolismo social capitalista. Passaram a acreditar nos mecanismos de apreensão das técnicas necessárias para estarem atualizados. Também acreditaram que a educação é a via para o esclarecimento do mundo e o domínio do conhecimento para a sua própria autonomia na história. Hoje em dia, quem pode ser contra a educação formal, estruturada, organizada e metódica? Foi importante para o desenvolvimento das forças produtivas, significou um enorme processo civilizatório, garantiu que milhões de trabalhadores e seus filhos tivessem condições a uma instrução mínima, propiciou-lhes um acesso a conhecimentos e saberes que jamais na história humana foi possível alcançar.

O domínio da leitura, da escrita, a possibilidade de um pensamento abstrato, estes elementos ofereceram condições para articular técnicas e aproximaram as massas da ciência. É bem verdade que esse processo não ocorreu sem inúmeros percalços e dificuldades - muitas barreiras para que as periferias tivessem acesso à educação. Parecia que com a educação os trabalhadores poderiam alcançar a sua liberdade e conscientes do seu papel histórico, fossem capazes de realizar a revolução, redimindo a humanidade de seu trágico destino imposto pelo capital. Uma educação revolucionária foi o que muitos sonharam no último século.

E hoje, o que esperar da educação e dos processos pedagógicos? Parece haver uma corrida contra o tempo, e nesta corrida, uma das novas ideologias que se tornaram presentes, identificada por Guy Debord, já em 1987, é a ideologia da tecnologia. Todos os que estão envolvidos com a educação vivem algo para além de um dilema, muito mais profundo, porque envolve todas as estruturas que estão a serviço da sociedade com escopo para conhecer. O mal-estar na educação está presente, todos os atores e agentes educacionais, as coletividades envolvidas, direta ou indiretamente, na educação, estão imbricados num imbróglio sem tamanho. Teorias e técnicas são desenvolvidas para que os docentes, e todos os trabalhadores da educação, encontrem respostas e possam atuar objetivamente nos ambientes letivos, todos estão à procura de maior eficiência e na tentativa de aproximar e adequar os conteúdos com a realidade tecnossocial que, num movimento de fora para dentro, impregnou os ambientes educacionais e hoje vivemos uma crise de magnitude incomensurável.

O que parecia apenas uma possibilidade, algo em perspectiva, o que também prometia o paraíso para a sociedade pós-industrial, o que indicava um progresso material e a emancipação da humanidade em relação às suas necessidades, transformou-se em pesadelo que assombra o mundo. Assombra também o próprio capital, como foi possível apreender com as análises de Marx. O desenvolvimento das forças produtivas em um estágio nunca antes conhecido pela humanidade, sob a égide da ciência, da tecnologia e da tecnocracia, parece ter colocado a sociedade global em uma grande arapuca histórica, a Pós-modernidade é o sintoma da reestruturação produtiva levada às últimas consequências por meio dos novos meios de comunicação que constituem a rede mundial de computadores - a Internet.

É uma arapuca porque, por um lado a produção de valor se esvai rapidamente e o capital procura manter seu fôlego por meio de equipamentos artificiais, isto é, o sistema financeiro, que não é capaz de sustentar a própria base material do processo produtivo das mercadorias e, de outro lado, uma sociedade confusa, desorganizada, desestruturada, que procura desesperadamente uma saída e, ironicamente, acredita que está no interior do próprio capital. A educação é o sintoma mais bem acabado desse processo histórico que engendra a mais perversa das condições humanas – a desumanização social em caráter global.

Referências:

- ADORNO, Theodor. Televisão e formação. Secção em português. In **MARXISTS ARCHIVE**. Transcrição em HTML por Fernando Araújo. Inclusão em 21.nov.2018. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/adorno/index.htm>. Acesso em 15.jul.2022.
- BOUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Portugal: Lisboa: Relógio D'água, 1991.
- DEBORD, Guy. Comentários sobre A sociedade do espetáculo. In **A sociedade do espetáculo e outros textos de Guy Debord**, www.terravista.pt/ilhadomel/1540, 2003, disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/comentariosse.pdf>, acesso em 15/01/2018.
- KEMP, Simen. Digital 2022: April Global Statshot Report. The global state of digital in April 2022. In **DATA REPORTAL**, 21.abr.2022. disponível em <https://wearesocial.com/uk/blog/2022/01/digital-2022-another-year-of-bumper-growth-2/>. Acesso em 28.jul.2022.
- KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. 2.ed., Tradução, Ruy Jungmann, tradução do capítulo I, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- KURZ, Robert. **A indústria cultural no século XXI: Sobre a actualidade da concepção de Adorno e Horkheimer**. EXIT! Crise e Crítica da Sociedade da Mercadoria, Tradução de Boaventura Antunes nº 9, Euro, Editora: Horlemann Verlag, Heynstr. 28, 13187 Berlin, Deutschland, 03/2012. Disponível em <http://www.obeco-online.org/rkurz406.htm>. Acesso em 30.jul.2022.
- MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. Tradução de Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- MARX, Karl. **Elementos fundamentales para la crítica de la economía política**. (Grundrisse), 1857-1858. Vol. 2. Traducción de Pedro Scaron. Buenos Aires Argentina: Siglo Veintiuno Editores, 1972. (Biblioteca del Pensamiento Socialista).

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro II: o processo de circulação do capital.** Tradução e seleção de textos Rubens Enderle. 1. ed., São Paulo: Boitempo, 2014. (Marx-Engels)

VANEIGEM, Raoul. **Aviso aos alunos do básico e do secundário.** Tradução de Júlio Henriques. Lisboa:Edições Antígona, 1996.

WE ARE SOCIAL. Digital 2022: Another year of bumper growth. 26.jan.2022. Disponível em <https://wearesocial.com/uk/blog/2022/01/digital-2022-another-year-of-bumper-growth-2/>. Acesso em 26 de julho de 2022.

Notas

¹ Doutor em Serviço Social pela UFRJ. Professor da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades - FIIH (UFVJM). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7480592245100986>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0207-3628>. E-mail: amykonios@gmail.com.

² WE ARE SOCIAL. Digital 2022: Another year of bumper growth. 26.jan.2022. Disponível em <https://wearesocial.com/uk/blog/2022/01/digital-2022-another-year-of-bumper-growth-2/>. Acesso em 26 de julho de 2022.

³ Especialista em YouTube e fundador experiente na indústria de vídeo digital e SaaS. Fortes habilidades de empreendedorismo, além de marketing no YouTube, estratégia de vídeo, marketing digital, UX, SaaS, gerenciamento de vendas e parcerias estratégicas.

⁴ KEMP, Simen. Digital 2022: April Global Statshot Report. The global state of digital in April 2022. In DATAREPORTAL, 21.abr.2022. disponível em <https://wearesocial.com/uk/blog/2022/01/digital-2022-another-year-of-bumper-growth-2/>. Acesso em 28 de jul. de 2022.

Recebido em: 16 de ago. de 2022

Aprovado em: 14 de dez. de 2022